

Fotografia e escuta analítica – Artes similares

Luciano Christóforo*

Escutar, observar e trabalhar com a Psique assemelha-se a arte de fotografar. Ambos os ofícios sugerem auspiciosa atenção e o desejo de apreender, abarcar com profundidade a imagem. No caso de fotografar, a imagem externa, na escuta da alma a imagem nascida no interno. Fotografar gera captura do instante, do movimento, por vezes a beleza de um momento, de um gesto, das luminosidades e sombras inerentes a realidade. Quanto mais sensível o fotógrafo, maior a probabilidade da bela foto. Henri Cartier Bresson (1908-2004), fotógrafo, disse que **“fotografar é colocar na mesma linha, a cabeça, o olho e o coração”**. Na escuta e observação das imagens internas surge a análise e seu mistério. Uma vida em nossa frente. Que imagens a representam? Iniciar um trabalho analítico é como fotografar o ser, revelando alma enquanto nascem as imagens. Pressuponho que qualquer narrativa imagética é a junção de inúmeras fotografias do interno, em movimento dialético.

O fazer alma, termo proposto por James Hillman, é uma sucessão de revelações imagéticas, a opus da análise. **Para nós, lidar com a palavra, é como estar adentrando inúmeras barcas, que navegarão pelas águas do Inconsciente, observando tanto ao fundo quanto ao espelhamento da face prateada das águas.** Se para o fotógrafo a imagem externa revela o poético do mundo, ele é um artista. E se para o analista as imagens internas revelam o poético do ser, a análise levará poesia ao mundo, naquele ser, em suas relações, em seu estilo de ser no mundo. Estamos diante de uma criação.

Gaston Bachelard (1884-1962) chama isso de imaginação criadora, para ele a imaginação e a vontade são as duas principais funções psicológicas. O analista junto ao seu analisando sonham e são sonhados pelo Inconsciente, na movimentação de uma vida nova. Imaginam com a força da palavra inovadora.

“sim, de fato, as palavras sonham”,

Bachelard, Gaston. em “A poética do Devaneio”, página 18.

Gostarmos de ouvir, falar sonhando as nossas palavras, sendo sonhados por elas, na dialética do setting (pensado como espaço e relação). A análise propõe arte de conversar, com narrativas da e para a Alma, do e para o Coração. Também o poeta com o poema:

“ Dificil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Era quase quatro da manhã.
Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador>
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que numa pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a `Nuvem de calça´.
Representou para mim que ela andava na aldeia de braços com
Maiakowski – seu criador.
Fotografei a `Nuvem de calça´ e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir a sua noiva.
A foto saiu legal”

Poema: “ O Fotógrafo “ de Manoel de Barros: “Ensaios Fotográficos”, Rio de Janeiro, Ed.Record, 2000.

Pensado em outros termos o encontro analítico é o campo do dialético. Este espaço/tempo de criação é uma oferenda para o nascimento da alma, ou seu renascimento, já que a infância é uma das glórias do ser. “ **Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo**” propõe Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, incitando ao acriçamento do ser.

“ Tomando a dialética no sentido da arte da conversação, Jung destaca que o sentido das imagens só surge a partir de uma troca entre os participantes do diálogo. O que o psiquismo nos apresenta são, portanto, símbolos, que remetem incessantemente a uma esfera de desconhecimento, nunca transformado em certeza...”

Bernardi, Carlos. O estatuto da imagem em Jung, bernardi@rubedo.psc.br.

Mas dialogamos com alguém que dialoga “tantos diálogos”, assim como nós. Cito o poema de Drummond: “ Há tantos diálogos”

“ Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado

Diálogo consigo mesmo
com a noite
com os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe os teu diálogos
e
tua melhor palavra

Carlos Drummond de Andrade, em “Discurso da Primavera e Algumas Sombras”, Editora José Olympio, 1977

Ampliando um pouco mais a noção de imagem vale ressaltar que temos como premissa o Inconsciente e que imagem é “imagem da fantasia”:

“ Quando falo, neste livro, de imagem, não entendo o retrato psíquico do objeto exterior, mas uma representação imediata, oriunda da linguagem poética, ou seja, a imagem da fantasia que se relaciona indiretamente com a percepção do objeto externo. Esta imagem depende mais da atividade inconsciente da fantasia e, como produção dela, aparece mais ou menos abruptamente na consciência, como espécie de visão ou alucinação, mas sem o caráter patológico desta, isto é, sem fazer parte de um quadro clínico de doença. A imagem tem um caráter psicológico de uma representação da fantasia e nunca o caráter quase real da alucinação, isto é, nunca toma o lugar da realidade e sempre se distingue da realidade dos sentidos por ser uma imagem interna”
C.G.Jung. Tipos Psicológicos, Editora Vozes, O.C, Volume VI, parágrafo 827

Então, de certa forma, construímos com a pessoa a nossa frente um painel de imagens, “fotografias” nascidas com e para aquela pessoa, chamando a alma para a arena do diálogo. E na junção de tantas imagens, podemos se o diálogo for habilidoso, gerar as cenas para transformações necessárias. Assim como nos desenhos animados, as fotografias que se sucedem serão as cenas de nossa ficção. Algo similar quando da produção onírica, imagens nascidas do Inconsciente e que geram os sonhos. Também contando histórias e estórias estamos nutrindo a relação terapêutica para a chegada da alma. Marcus Quintaes, analista hillmaniano, sugere **“construirmos uma nova narrativa para os episódios, recontar uma história que tenha sentido, uma ficção que cure, novas histórias sobre o mesmo fato, colocando nossos dramas sob novas vestes”**. Por sua vez Walter Boechat, analista junguiano, levanta a questão: **“qual o mito deste paciente? Constando este mito, temos um grande efeito terapêutico”** e que **“neste sentido o método da amplificação situa o paciente numa situação que o paciente não consegue perceber”**.

Assim como hoje fotografar se tornou um ato coletivo e popular, o que diferenciaria o fotógrafo artista de quem fotografa apenas? Reformulando isso para os trabalhadores da alma surge a questão: o que diferenciaria nossa escuta analítica de quem escuta apenas? A condição do analista é a condição de sua formação, que é um processo, sempre estará se dando : trajetória de estudos, análise pessoal, supervisão. Impossível alguém que não experimentou o Inconsciente em sua dinâmica imagética tornar-se um analista eficaz. Também é essencial sua inserção/imersão no campo do pensamento simbólico. Pensar simbolicamente nos possibilita conversar com arte.

“É preciso que nós, analistas, tomemos as palavras como brinquedos; faz-se fundamental manuseá-las intensamente, sem pudor, sem excesso de respeito e sem formalismos. A busca de maior intimidade com as palavras caminha pelo campo da literatura e da poesia. Um trabalho mais regido por Orfeu, Dioniso, Eros e Hermes do que Zeus, Apolo e Atená. Fazer da interpretação um ato poético, que descortina a dimensão lúdica que habita as palavras. Diante da sisudez da rigidez neurótica e a fixação da fantasia, apresentar o caráter irônico, deslizante, paradoxal e libertário contido nas dimensões da palavra”

Quintaes, Marcus. Letras Imaginativas, Editora Paulus, São Paulo-SP, 2011

Pensar simbolicamente com o analisando demanda uma capacidade prévia, do contrário seremos os fotógrafos de qualquer celular, sem exercício artístico e profissional.

Grandes fotógrafos partem para a vida essencial, para a vivência ética e poética do mundo. Araquém Alcântara afirma que **“sua fotografia é resistência da memória”**. A fotografia hoje denuncia um mundo que carece de justiça social e reparação ambiental. Alerta para a necessidade urgente urgentíssima de reespiritualizar-mos a matéria em nossas percepções básicas, na construção de um novo Ethos. Percebermos a dimensão eco-bio-psico-sócio-espiritual, como sugere a estudiosa junguiana Eloísa Marques Damasco Penna.

Laboratório fotográfico – Consultório do Analista

Se assemelham ao consultório do analista os antigos laboratórios fotográficos. O nascimento das imagens eram a partir dos negativos projetados e ampliados sobre o papel fotográfico. Ampliadores na fotografia, ampliações no diálogo terapêutico. As imagens eram acontecidas na quase escuridão, com pequena e suave luz vermelha orientado as ações, assim como quando no escuro da alma surgem as imagens internas. Nos compostos líquidos de revelação e fixação, a foto era definida. Revelando e fixando imagens o analista e o analisando, em averiguação, escolherão as imagens e darão a direção do que e como se viver a saga existencial. Labor e Oração para que se revele o sagrado de existir.

Lentes e Câmaras

Nossa consciência e percepção é como uma câmara fotográfica. Ora apontando para fora, ora apontando para dentro. Afinal a alma se revela por imagens interiores e também como fala Gustavo Barcelos, **“está a mostra o tempo todo”**. Em alguns momentos é necessário foco, nitidez. Em outros desfocamento, o embaraço da expressão simbólica para que a imagem possa aparecer. Também as associações concernentes a imagem, para só na sequência averiguarmos uma síntese que faça sentido. Ampliando com ampliações, conforme sugere o método junguiano. Desfocar também serve a revelação de ambiguidades, do diálogo de opostos, para que aceitemos a alma como ela é.

Thomas Moore acrescenta: **“a alma e o amor não se dedicam a perfeição”**. Quantas vezes precisamos decidir sem certezas? Não é mesmo? Ou seja, também podemos ir na direção da imagem de forma intuitiva, esperando pela gestalt necessária, a revelação dos insights. Na história narrada queremos entender o estilo daquele inconsciente. Na junção das imagens haverá uma estória e enredos. O enredo é o que mais nos interessa, ou ainda, o enredamento arquetípico, as fontes arcaicas, os complexos em evidência, os mitologemas. Primeiro o negativo, depois o positivo diriam os fotógrafos de antigamente. No confronto com a sombra a saída profícua da individuação.

Fotógrafos, analistas e a alma do mundo (anima mundi)

O fotógrafo, ser discreto e silencioso, que está ali, no momento certo da captura da imagem, revela num instante, cenas, fatos, signos. O fotógrafo sensível decifra algo além, a anima mundi. No contraste de luzes e sombras. No diafragma encontra a profundidade de campo. Naquilo que não está nítido algumas vezes revela o poético, como nas brumas dos pintores chineses. Nesta aparente fixação que a fotografia impõe está escondida outra possibilidade, o que ela propõe. Para o diálogo terapêutico importa o arrebatamento da experiência simbólica, o insight decisivo, a descoberta inusitada, despertar-se fazendo alma, de repente. Como na experiência numinosa também. Para Bachelard **“a imaginação não é mais que a pessoa arrebatada nas coisas”**.

Atualmente alguns fotógrafos assumem um compromisso ético com o humano e a natureza. Sebastião Salgado assim se posiciona: **“Constatamos que o mundo está dividido em duas partes: de um lado a liberdade para aqueles que tem tudo, do outro a privação para aqueles que não tem nada”**. Também retratar a natureza tem sido uma luta da fotografia, assim como da ecopsicologia. Revela o belo que estamos destruindo. Florestas devastadas, destruídas pela nossa insanidade. O ser humano se tornou carrasco do mundo e de si mesmo, desespirtualizando a matéria, não percebe que destruindo a natureza está destruindo a si mesmo. Corpos desalmados correm ser ter

onde chegar. Se tudo permanecer como está, nos ciclos de destruição, a espécie humana será extinta e Terra Mãe ficará muito bem sem nós, como já ficou em sua longa história. A Psicologia Analítica e a ecopsicologia, abraçada com a ecologia profunda assim como com tantos outros saberes pode contribuir propondo um novo ethos civilizatório.

Nasci e me desenvolvi em uma família de fotógrafos. Meu pai, soldado de paz da ONU, descobriu na sua vocação para a fotografia neste período, no Canal de Suez, Egito. Em 1967 começa a fotografar bailes e carnavais na pequena cidade de Castro, no Paraná. Dali em diante abre um Foto e dedica toda a vida a fotografar e revelar fotografias. Meus dois irmãos, o mais velho e o mais novo descobrem a mesma vocação, foram capturados pela sina familiar de fotografar e continuam levando adiante o bastão. Desde criança cresci entre fotos, equipamentos fotográficos, laboratórios (preto e branco e a cores), líquidos de revelação e fixação. Nos eventos que participei junto com o pai, casamentos, aniversários e outras festividades, a participação amorosa da memória me faz lembrar o barulho dos flashes, o andar discreto e silencioso do pai nas ações certas da captura do instante. Até hoje e desde que vim para minha pequena cidade “fazer alma”, quando saio às ruas, frequentemente me perguntam: “E você? Não decidiu ser fotógrafo igual seu pai e irmãos?”. Há 27 anos respondo quase que instintivamente: “Então, resolvi trabalhar com outro tipo de revelação”.

Luciano Roberto Christóforo
CRP08/06103

lucianochristoforo@ig.com.br
42.99961.17.66

*** Luciano Roberto Christóforo, Psicólogo (CRP08/6103) pela Universidade Federal do Paraná (1995); Especialista em Psicologia Analítica (1997), atua em Saúde Pública na Prefeitura do Município de Castro – PR e em consultório particular desde 1996.**

Referências Bibliográficas

- Andrade, Carlos Drummond de. Discurso de Primavera e algumas sombras. Companhia das Letras, São Paulo – SP, 2014
- Bachelard, Gaston. A poética do Devaneio. Martins Fontes, 1996.
- Barros, Manoel de Barros. Ensaio Fotográficos. Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 2000.
- Bernardi, Carlos. O estatuto da imagem em Jung. bernardi@rubedo.psc.br, [HTTP://ajornadadaalma-estudosjunguianos.blogspot.com](http://ajornadadaalma-estudosjunguianos.blogspot.com).
- Boechat, Walter. Fala expressa pelo autor no dia do lançamento do livro: “Mitopoese da Psique- Mito e Individuação”, 2008.
- Cartier – Bresson, Fotógrafo. SESP – SP editora, 2009.
- Jung, C.G. Tipos psicológicos. Petrópolis, Vozes, 1991 (OC , Volume VI)
_____, Psicologia e Religião. Petrópolis, Vozes, 1978 (OC Volume XI)
- Perrone, Maria Paula M.S. A imaginação Criadora : Jung e Bachelard. <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com>.
- Quintaes, Marcus. Letras Imaginativas. Breves ensaios de Psicologia Arquetípica. São Paulo – SP, 2011
_____. Fala do Analista em Seminário na Clínica Arquês, Curitiba, Paraná, 2016.
- Salgado, Sebastião. Da minha terra à Terra. Editora Paralela, 2014.